

Aprender arquitectura

Rita D'Aguilar

Arquiteta pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, Portugal (2014)

Contato: ritadaguilar@gmail.com

São 19h e saio do atelier numa tarde na qual os alçados são de nevoeiro e a chuva me faz parar várias vezes até chegar ao café mais próximo.

Já em companhia de um café quente, lembro os tempos em que os horários eram outros e talvez... a quantidade de caféina também. E disso, até confesso ter saudades.

Perceber o porquê de ter estudado arquitectura pode nunca vir a ter uma boa explicação.

Nem mesmo nos muros de lama que, com os meus primos, erguia no quintal da nossa avó, seco pelo rigor de um verão de agosto numa aldeia do interior de Portugal. Nem mesmo na maquete do meu quarto que fiz quando tinha 14 anos, onde cortinados e pôsteres dos meus ídolos tinham de estar pendurados. Nem mesmo nas construções em madeira, erguidas entre nós e ligações de corda, entre as tendas do nosso acampamento de escuteiros.

De facto, nenhum desses episódios consegue explicar o caminho que acabei por escolher. Existe, porém, um denominador comum a todos, e que sempre falou baixinho e quase de forma muda, mas permanente: apesar de não conhecer a palavra arquitectura na altura, desde sempre a experienciei e a vivi.

Vejo que a arquitectura é um lugar de encontro, de construção de relações para e com os homens, dos homens com a natureza e de outros seres com outras coisas. E que continuará a ser, pois alimentamos este nosso saber vivendo com as nossas experiências, que paulatinamente constroem o nosso referencial ou aquilo a

que chamamos de memória.

O nosso quarto, a nossa casa, a nossa rua, a nossa cidade... é aqui que habitam as nossas primeiras experiências arquitetónicas, em que se tem vindo a tecer aquilo que de nós conhecemos e o que não conhecemos, mas que iremos descobrir.

E é desta forma discreta que todos tomamos contacto com a arquitectura. Ter ido para a faculdade foi só o papel assinado e a matrícula de uma relação que já vinha sendo construída.

Peter Zumthor, ao falar sobre o ensino da arquitectura, diz que ela "é um trabalho de rememoração" (ZUMTHOR: 2004). Fazer arquitectura é conseguir revisitar experiências lá de atrás guardadas em papel de memória, e que, no agora, nos fazem sonhar e imaginar. Enfim, criar.

Contudo, foi quando cheguei à faculdade que percebi que tudo isto que trazia em mim, fervilhando de vontade de ser mais e para além, iria continuar a ser o meu relicário de ideias e memórias, não fosse eu capaz de o mostrar para outros. Foi então que encontrei a melhor ferramenta de trabalho, fiel e presente até hoje: o desenho.

Foi ao perceber o desenho como forma de memorização de um gesto, de uma intenção e de uma ideia que entendi como aquilo que o meu traço imprime é agora de todos e não só meu conhecido.

Estudei na Faculdade de Arquitectura da Universidade de

Lisboa, “irmã das Artes”¹. Pintura, Escultura, Design. Não sei se foi por isso que fui lidando de forma íntima com o desenho, mas a verdade é que a faculdade me mostrou como o desenho vive do projeto e este se expressa por meio do desenho; que o projeto pertence a uma ação que não existe ainda, que pretende vir a ser, e que só o desenho o pode trazer para o aqui e agora.

Relembro aqui uma aula curiosa que tive durante o curso. Frequentava o segundo ano e as aulas de desenho tinham ganhado um novo visual. Tínhamos mudado de professor e uma nova frescura se veio juntar às nossas aulas.

Era de noite e a julgar pela pouca luz que vinha do exterior estávamos no inverno. Combinamos de nos encontrar no átrio central, de papel, lápis e velas na mão. Sim, velas.

A aula iria se fazer entre as sombras dos rostos, dos corpos sentados de forma aleatória pelo chão, pelas arestas e cantos do volume de oito metros de altura que nos recebia e pela luz, branca e intensa que provinha da máquina de café. Ali pensámos a desenhar.

Não vejo ser possível para um arquitecto fazer arquitectura sem o desenho. Falamos através do desenho. Para nós arquitectos, é uma só coisa, desenhar e pensar, um só ato. Ali naquela noite, pensamos o espaço enquanto nos aproximávamos da sua forma.

Em projeto é igual. Pensamos de forma insistente por vezes, através da mesma perspectiva repetida vezes e vezes sem conta dada a obsessão de chegar ao alçado que queremos ou ao pormenor cuidado do corrimão com a escada adoçada à parede. É aqui que me perco muita das vezes, nesta quase doentia procura da harmonia que a forma ou o tectónico conseguem descrever através do traço.

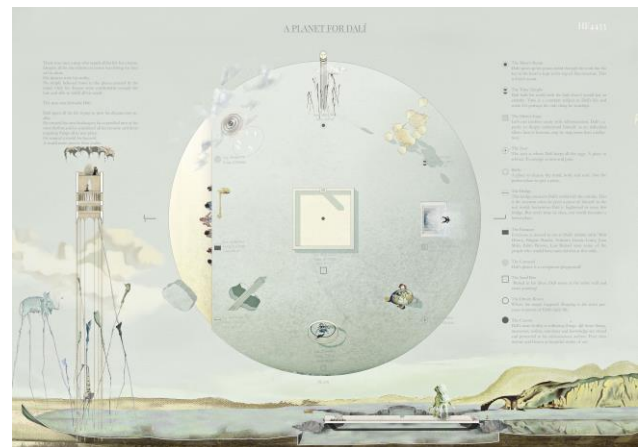
Mas não só destes encontros se fez o meu curso de arquitectura. Curioso até que as recordações que tenho

com mais afecto são aquelas de que eu não sabia que gostaria até ao momento em que as vivi. Falo do meu encontro com a Carla Juaçaba.

Realizei nos anos de 2011 e 2012 o meu intercâmbio na PUC (Pontifícia Universidade Católica) no Rio de Janeiro. Frequentei a cadeira do Projeto de Revitalização ao mesmo tempo em que me “perdia” pelo imenso calçadão de Copacabana, pelo gigante verde do Corcovado e da Tijuca, pelos cobogós, pelas palafitas, pelo samba...

Se a minha escolha ao estudar arquitectura foi um desejo, aquilo que vim a encontrar com a Carla foi obra do acaso. Ali também pensávamos em desenhar, mas mais ainda em construir.

Foi de facto uma relação muito próxima esta que fomos tecendo, ora na mesa da sala que era estirador, ora na mesa da mesma sala que servia para lanches de pipocas e jantares tardios.



A Planet for Dalí, projeto Rita D’Aguilar.

Estava a aprender de novo, mais e mais ainda. Bebi tudo com grande intensidade, talvez a da sede de uma jovem desconhecadora de que eu padecia. E padeço.

Voltei para Portugal e continuei a estudar até acabar o curso e senti-me pronta para começar tudo de novo.

transformando-se na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

¹O uso da expressão “irmã das Artes” é porque o Departamento de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes (ESBAL) foi autonomizado da escola, em 1979,



A Planet for Dalí, projeto Rita D'Aguilar.

Queria continuar a aprender.

Foi ao voltar a trabalhar em atelier, agora já em Portugal, que percebi que estava aprendendo através do encontro com aquilo que não se pode ensinar. O trabalho em arquitectura é de facto de partilha, de discussão e de trocas. Mas é também o ponto charneira onde tomamos a verdadeira noção de escala, de peso e de massa que a nossa ideia impressa em traço no papel é na obra.

Entramos num registo de desenho corpóreo. O esboço torna-se redutor, pois a forma já encontrou a geometria e o agora quer ser objecto construído. Falo de novo no desenho porque este se expressa agora como um código, um conjunto de regras que informam como se constrói aquilo que temos representado em planta e corte ou em pormenor 1:5. Agora, desenhamos construindo.

Confessei ter saudades do tempo em que andava na faculdade. Da liberdade aparente que os exercícios propostos nos davam e talvez da frescura com que nós os trabalhávamos, sem grandes pressões - percepção que tenho agora quando olho para trás e rio com o stress das entregas. Por isso que, mesmo estando no atelier, aproveito para ir fazendo desvios que me façam lembrar que é com a arquitectura que devemos descobrir o que é sensorial - o que tocamos, o que ouvimos ou o que cheiramos -, e

² Concurso promovido pela Opengap, do qual participei em 2015 com pranchas sob o título *A Planet for Dalí*.

esquecer, mesmo que por momentos, que é preciso ligar ao cliente ou pedir orçamentos ao fornecedor.

Participar de concursos de arquitectura, como o do *A House for...*,² começou como uma brincadeira entre colegas, mas agora vejo que me contagiou. Vou na segunda edição.

Talvez porque me faz lembrar os tais exercícios da faculdade, mais livres e onde podemos sonhar sem ficarmos presos a legislações ou restrições financeiras.

Falei de encontros. Apenas alguns dos muitos que já vou guardando.guardo. aguardo por mais. Creio que em arquitectura o processo de aprendizagem é ininterrupto.

Não me cansarei de querer ler mais, de procurar mais, de viajar e de ver mais. Não me cansarei de desenhar e de comunicar o que fantasio, elevando e tornando-o um corte, uma perspectiva, uma parede ou um vão.

Não me cansarei de viver aprendendo arquitectura.

Talvez só vá cansar da chuva, que me faz ficar retida no café enquanto termino este texto.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ZUMTHOR, Peter. *Pensar a Arquitetura*. Barcelona: Gustavo Gil, 2004.

Imagens cedidas pela autora.